



ITINERÁRIOS DE EXPOSIÇÃO

De 10 de julho a 29 de agosto de 2010 a exposição será visitada por pesquisadores(as) convidados(as) a redigirem um ensaio sobre a mostra. Este é o segundo ensaio de uma série de quatro que irão compor o programa de publicações de “Franklin Cascaes: desenhos e esculturas”, com curadoria de Fernando Lindote, no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis/SC. Todos os textos podem ser conferidos em www.exatosegundo.com.br/franklin-cascaes

DePara copiar Cascaes:

- Crer num mundo ininterrupto que possa ser apreendido na continuidade de um papel sem bordas ou talvez na continuidade de muitos papéis sobrepostos e justapostos, de tamanhos e texturas diferentes, onde se escreve e se desenha interminavelmente;
- Investir tempo do cotidiano em escrever e desenhar o mundo que se perde, o mundo que se conta, o mundo que se ouve.
- Desenhos e escritas nesta miríade de papéis se confundem e vazam, empurram as bordas dos papéis, como se pudessem esticá-los.
- Ouvir as histórias, dar forma e letra ao ouvido, ao olvidado, numa tradução infinita: fala → escrita → desenho → escrita → desenho → modelagem → escultura → imagem → imagem → escrita → fala → ∞

As linhas da caneta a nanquim ou lápis:

- Não fazem claro-escuro nos corpos, mas produzem fluxos, linhas de força, como diria Deleuze.
- Os corpos dos bichos se produzem a partir da direção das linhas. A linha faz também o contorno, mas sofre uma ação expansiva das linhas de dentro dos corpos. Quando acaba um corpo e começa outro, mesmo que seja o ar, as linhas mudam de direção. Os corpos de Cascaes são linhas em fluxos. Contornos são fluxos em choque, encontro de linhas em direções diferentes.
- Talvez Cascaes traçasse essas linhas com demorar porque cada uma é cuidada; as escamas, pelagens, telhados, folhagens e cascos têm grande atenção, guardam muito trabalho em cada detalhe.

As pedras:

- Não são parte da paisagem, são seres viventes, autônomos e saem do papel, estão no quase do nosso mundo. As pedras assistem a cena, se admiram. Talvez se movam de lá pra cá, de dentro do papel pra fora dele.

Os bichinhos pequenos que olham:

- Os bichinhos somos nós. Ficamos olhando a cena, do canto do papel;
- Há também os bichinhos que olham admirados ou temerosos pra cena fora do papel, nós somos seu espetáculo.

Ana Lucia Vilela é graduada em Economia, mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes (EBA-UFRJ) e doutoranda em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua como crítica e curadora independente.